

SOCIOLINGUÍSTICA E IDENTIDADE: UMA ANÁLISE REFLEXIVA DAS PRÁTICAS LINGUÍSTICAS NO CONTEXTO DIGITAL

SOCIOLINGUISTICS AND IDENTITY: A REFLEXIVE ANALYSIS OF LINGUISTIC PRACTICES IN THE DIGITAL CONTEXT

Elitânia Santos Cavalcante*

Miriam Santos Silva**

RESUMO

Este trabalho tem como objeto de pesquisa a relação entre linguagem e identidade no contexto digital, analisada sob a perspectiva da Sociolinguística. Parte-se da teoria de que a linguagem é um fenômeno social, histórico e dinâmico, visando as tecnologias digitais e a popularização da internet que promovem profundas transformações nas relações sociais, na cultura e na própria forma de como nos comunicamos. O objetivo geral é analisar, de forma reflexiva, como as práticas linguísticas presentes em ambientes digitais contribuem para a construção e a manifestação da identidade dos sujeitos, considerando os usos reais da língua em situações de interação mediadas pelas tecnologias digitais. Justifica-se este estudo pela crescente presença dos ambientes virtuais no cotidiano social e pelo impacto dessas práticas nas formas de uso da linguagem, especialmente nas redes sociais e plataformas digitais, que se configuram como espaços relevantes de produção discursiva e de expressão identitária. A fundamentação teórica baseia-se nos pressupostos da Sociolinguística e da variação linguística (Labov, Saussure, Bagno, Bakhtin, Hymes), nos estudos sobre a comunicação digital (Herring, Jaffe, Crystal) e nas teorias sobre identidade e performance discursiva (Hall, Bauman, Gumperz, Goffman, Reyes). A pesquisa caracteriza-se como qualitativa, de natureza descritiva e interpretativa, com procedimento bibliográfico, fundamentada na análise de livros, artigos científicos e produções acadêmicas que discutem a linguagem em uso no contexto digital. Espera-se demonstrar que as práticas linguísticas digitais, marcadas pela variação, criatividade e adaptação ao meio, desempenham papel central na construção identitária, reafirmando que a língua acompanha as transformações sociais e tecnológicas sem perder sua função social e demonstrando a atualidade e relevância da Sociolinguística para a compreensão dos fenômenos linguísticos contemporâneos.

PALAVRAS-CHAVE: Sociolinguística; Linguagem digital; Identidade; Variação linguística.

ABSTRACT

* Graduada em Licenciatura em Letras com Habilitação de Língua Portuguesa e Espanhola

** Graduada em Licenciatura em Letras com Habilitação de Língua Portuguesa e Espanhola

This research takes as its object the relationship between language and identity in the digital context, analyzed from the perspective of Sociolinguistics. It starts from the understanding that language is a social, historical, and dynamic phenomenon, considering that digital technologies and the popularization of the internet have promoted profound transformations in social relations, in culture, and in the very ways we communicate. The general objective is to reflectively analyze how linguistic practices present in digital environments contribute to the construction and manifestation of individual identities, considering the actual uses of language in interaction situations mediated by digital technologies. This study is justified by the growing presence of virtual environments in daily life and by the impact of these practices on forms of language use, especially in social media and digital platforms, which stand out as relevant spaces for discursive production and identity expression. The theoretical framework is grounded on the assumptions of Sociolinguistics and linguistic variation (Labov, Saussure, Bagno, Bakhtin, Hymes), on studies regarding digital communication (Herring, Jaffe, Crystal), and on theories of identity and discursive performance (Hall, Bauman, Gumperz, Goffman, Reyes). This research is characterized as qualitative, descriptive, and interpretative, with a bibliographic procedure, based on the analysis of books, scientific articles, and academic productions that discuss language use in the digital context. It is expected to demonstrate that digital linguistic practices, marked by variation, creativity, and adaptation to the medium, play a central role in identity construction, reaffirming that language accompanies social and technological transformations without losing its social function, and evidencing the relevance and timeliness of Sociolinguistics for understanding contemporary linguistic phenomena.

Keywords: Sociolinguistics; Digital context; Linguistic practices; Identity; Linguistic variation.

1 INTRODUÇÃO

A discussão proposta neste estudo recai sobre o avanço acelerado das tecnologias digitais e a popularização da internet que promovem profundas transformações nas relações sociais, na cultura e na própria forma de como nos comunicamos. Passamos a interagir em espaços que não existiam há poucos anos, redefinindo laços, costumes e as próprias formas de expressão.

A linguagem constitui um fenômeno social, histórico e dinâmico, desenvolvido a partir das práticas culturais e nos diversos contextos de uso, tendo significativa influência na construção das identidades dos indivíduos. Essas transformações trazidas pela internet alteram não só como nos relacionamos, mas também como a língua se manifesta e se renova a cada nova forma de convívio.

Nesse cenário digital caracterizado pela expansão do acesso às Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) e o aumento das interações em plataformas virtuais, contribuindo para o surgimento de novas formas de comunicação que subvertem as ideias tradicionais de linguagem e revelam como os falantes navegam por múltiplas línguas na sua comunicação cotidiana. Neste contexto, a Sociolinguística apresenta-se como um importante campo de estudos para compreender as relações entre língua, sociedade e identidade, considerando que os usos linguísticos variam conforme os contextos sociais, culturais e comunicativos.

O ambiente digital é um espaço privilegiado de produção discursiva, no qual os sujeitos constroem, negociam e manifestam suas identidades por meio da linguagem. Essas interações realizadas em redes sociais, aplicativos de mensagens e outras plataformas digitais caracterizam-se pelo uso de recursos linguísticos marcados pela variação, criatividade, informalidade e multimodalidade, refletindo aspectos sociais, regionais, culturais e geracionais dos falantes. Dessa forma, a linguagem utilizada nesses ambientes evidencia os processos de adaptação da língua às novas formas de interação e reforça seu papel na construção de sentidos e identidades.

Compreender como os sujeitos utilizam a linguagem nesses ambientes contribui para ampliar as discussões sociolinguísticas sobre variação linguística, identidade e interação social, além de oferecer subsídios para reflexões no campo dos estudos da linguagem e do ensino de Língua Portuguesa. Assim, esta pesquisa se justifica pela crescente presença das tecnologias digitais no cotidiano e pela necessidade de investigar seu impacto nas práticas comunicativas.

Diante disso, a pesquisa busca responder à seguinte questão: de que forma as práticas linguísticas no contexto digital, sob a perspectiva da Sociolinguística, contribuem para a construção e a manifestação das identidades dos sujeitos? Parte-se da hipótese de que as práticas linguísticas desenvolvidas nos ambientes digitais desempenham papel significativo nesse processo, uma vez que as escolhas linguísticas realizadas pelos usuários refletem pertencimentos sociais, culturais e situacionais. Além disso, considera-se que recursos característicos da comunicação digital, como abreviações, gírias, emojis, hashtags e memes, contribuem para a ressignificação dos usos da língua e evidenciam a adaptação da linguagem aos novos contextos comunicativos.

Para responder à questão colocada, definiu-se objetivo geral, analisar de que forma as práticas linguísticas utilizadas em ambientes digitais contribuem para a construção e a manifestação das identidades dos sujeitos sob a perspectiva da Sociolinguística. Especificamente, busca-se identificar os principais conceitos sociolinguísticos relacionados à variação linguística e à identidade; descrever as características linguísticas recorrentes nas interações realizadas no contexto digital; e compreender de que forma a linguagem utilizada nesses ambientes contribui para a construção identitária dos sujeitos.

Para alcançar esses objetivos, a pesquisa caracteriza-se como qualitativa, de caráter descritivo e interpretativo, com procedimentos bibliográficos. O estudo fundamenta-se em livros, artigos científicos e produções acadêmicas de autores que discutem a sociolinguística, linguagem e identidade, buscando interpretar as práticas linguísticas presentes no contexto digital à luz dos pressupostos teóricos da área.

2 REFERENCIAL TEORICO

2.1 Sociolinguística e variação linguística

A Sociolinguística surgiu no século XX como uma resposta às limitações das abordagens tradicionais da Linguística, que em geral se dedicam a analisar a língua como um sistema abstrato, afastado do uso real e dos sujeitos que a falam. Ao perceber que a língua não existe separada das pessoas e da sociedade em que elas vivem, pesquisadores passaram a investigar como fatores sociais moldam a forma como nos expressamos. Diferencia-se, portanto, da linguística tradicional por não

tratar a língua como algo fixo, uniforme ou desvinculado da experiência humana, ao contrário, compreende-a como uma prática viva, construída e transformada nas interações sociais.

Nesse caminho, as contribuições de Mikhail Bakhtin são fundamentais. Para o autor, a linguagem é essencial, toda fala ou enunciado se constrói em relação a outras falas, a outros sujeitos e a contextos históricos e sociais específicos. Ele defende que não existe uma “língua em si”, mas sim usos linguísticos situados, carregados de sentidos, intenções e vínculos com o mundo dos falantes. Como destaca Bakhtin: “A palavra é um território compartilhado entre eu e o outro” (BAKHTIN, 1981, p. 88), reforçando que a língua é sempre um espaço de relação e troca.

Avançando nessa compreensão, Dell Hymes traz o conceito de competência comunicativa, que revoluciona a forma de ver o saber linguístico. Para ele, dominar uma língua não significa apenas conhecer suas regras gramaticais, é preciso saber usá-la de maneira adequada ao contexto, aos interlocutores, às normas culturais e ao objetivo da interação. Conforme o autor, o falante competente é aquele que sabe produzir enunciados que não só são corretos do ponto de vista formal, mas também apropriados à situação em que se comunicam (HYMES, 1972). Essa ideia aproxima-se diretamente da proposta da Sociolinguística, ao colocar o uso social da língua no centro das análises.

Com base no que dispõe Labov (2008), a Sociolinguística compreende a língua como um fenômeno social, associado às práticas e às experiências dos indivíduos em interação. Desse modo, busca compreender como fatores sociais, culturais, históricos, geográficos, econômicos e identitários influenciam a forma como as pessoas utilizam a linguagem no contexto da comunicação, “a variação linguística não é aleatória, mas sistematicamente relacionada a fatores sociais” (LABOV, 2008, p. 13).

Seus estudos revelam que existe uma regularidade por trás do caos dessa realidade linguística, demonstrando o seu caráter social. Por isso, em suas análises, o linguista não deve se contentar com modelos abstratos, mas observar a língua em seu uso real nas interações sociais. Saussure (2006), por sua vez, direciona suas investigações para a língua enquanto objeto da Linguística, compreendendo-a enquanto fato social, já que consiste em um sistema de signos que une determinada comunidade que a compartilha. Diante dessa perspectiva, de língua como fenômeno coletivo, Saussure aproxima a linguística das demais ciências humanas e sociais.

Continuando esse percurso teórico, vale destacar Marcos Bagno (2007), que compreende a língua como uma entidade social em constante transformação, inventada e reinventada a cada dia pelos seus falantes. Para o autor, a variação linguística não é um defeito ou um erro, ela é a própria forma como a língua existe e funciona, pois cada grupo social constrói suas próprias maneiras de se expressar, de acordo com sua história, sua cultura e suas relações. Diferente da ideia de que haveria uma única “forma correta” de falar, Bagno defende que todas as variedades linguísticas têm a mesma estrutura e o mesmo valor comunicativo, o que muda é apenas o prestígio social que recebem.

Ao mesmo tempo, a língua também pode ser usada como ferramenta de opressão e preconceito por sujeitos que não reconhecem ou não aceitam essas diferentes formas de expressão, dando origem ao que se chama de preconceito linguístico. Como ressalta o autor: “O preconceito linguístico não passa de uma das faces do preconceito social, que usa a maneira de falar como pretexto para julgar e excluir pessoas, mas o que está em jogo, na verdade, é a posição social desses

sujeitos” (BAGNO, 2007, p. 58). Portanto, não se rejeita uma fala porque ela é “errada”, mas sim porque ela está ligada a grupos que ocupam lugares menos valorizados na sociedade.

As discussões apresentadas nesta seção buscaram demonstrar o caráter social, histórico e heterogêneo da língua, uma vez que seus usos se transformam a depender do contexto internacional. Partindo de perspectivas distintas, os autores convergem ao reconhecer que a língua reflete as dinâmicas sociais e acompanha as transformações culturais. Neste contexto, compreende-se que a evolução das tecnologias digitais e a emergência da sociedade conectada nas redes sociais configuraram novos espaços virtuais que possibilitaram o surgimento de novas práticas linguísticas. Assim, torna-se necessário compreender como a linguagem, sociedade e variação estão relacionadas ao analisar as práticas linguísticas na cultura digital.

2.2 Práticas Linguísticas no Contexto Digital

Ao analisar os modos de manifestação da linguagem nos espaços virtuais, Susan Herring (2007) parte do princípio de que a comunicação mediada por computador não se rege por critérios aleatório, ao contrário, fundamenta-se nos mesmos princípios sociolinguísticos consolidados por autores como Labov e Hymes, embora desenvolva particularidades que derivam da plataforma utilizada, da natureza do contato e dos sujeitos envolvidos na interação. Em seus estudos, a autora afirma que:

“A comunicação mediada por computador não constitui um sistema desprovido de ordem, mas um conjunto de práticas que obedecem a princípios sociais e linguísticos, adaptando-se às condições específicas do meio em que se realizam” (HERRING, 2007, p. 13).

Os achados de Herring demonstram que a língua mantém sua característica de adaptação ao contexto social, modificando apenas o suporte e os recursos de interação, sem romper com as bases que regulam o uso linguístico.

Essa perspectiva é aprofundada por Alexandra Jaffe (2009), ao compreender as práticas digitais como práticas sociais situadas, cada escolha de palavra, de estilo ou de recurso expressivo reveste-se de intencionalidade, orientada pelo grupo interlocutor, pelo ambiente virtual e pela imagem que se busca projetar. A autora estende o princípio da competência comunicativa, formulado por Hymes, ao universo online, onde a adequação da linguagem supõe, além dos saberes convencionais, o domínio de normas e códigos específicos de cada espaço de interação (JAFJE, 2009). Dessa maneira, Jaffe dialoga diretamente com os pressupostos teóricos anteriormente apresentados, complementando a análise descritiva de Herring com a dimensão estratégica e simbólica que permeia as opções linguísticas realizadas na rede.

Por sua vez, David Crystal (2001), apresenta uma abordagem mais ampla, ao defender que a internet não destrói nem transforma equivocadamente a língua, mas sim fomenta o surgimento de novas variedades e registros, próprios às redes sociais, aplicativos e fóruns. Conforme argumenta o autor,

“não há evidências que sustentem a ideia de que a internet promova o declínio da língua; ao revés,

ela abre caminhos inéditos para sua criação e expansão” (CRYSTAL, 2001, p. 17).

Essas transformações inserem-se no processo natural de evolução da linguagem, que historicamente se reconfigura a cada novo meio de comunicação. Nesse sentido, sua tese reafirma o princípio da variação linguística evidenciado por Labov, distinguindo-se das análises de Herring e Jaffe por situar as alterações observadas no âmbito da dinâmica própria da língua, e não como desvios ou equívocos.

Em conjunto, os três autores se complementam, Herring delinea os contornos estruturais da comunicação digital; Jaffe explicita a dimensão estratégica e identitária subjacente às escolhas linguísticas; e Crystal insere essas transformações na trajetória histórica da língua. Em comum, partilham a compreensão de que o ambiente virtual não institui uma ordem linguística dissociada dos fundamentos sociolinguísticos, mas atualiza, em novos suportes, os mesmos princípios que regem a linguagem em uso social.

2.3 Construção da Identidade nas Interações Digitais.

A compreensão da identidade como um processo em constante transformação ganha força com Stuart Hall (2006), para quem a identidade não é algo fixo, pronto ou determinado de uma vez por todas. Ao contrário, ela se constrói e se transforma ao longo da nossa história, nas relações que estabelecemos e nas diferentes culturas e contextos em que nos inserimos. O autor defende que vivemos em um cenário em que as antigas referências de pertencimento se tornam mais fluidas: “A identidade torna-se uma ‘celebração móvel’, formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpretados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (HALL, 2006, p. 13). Essa ideia é central para entender o que acontece no mundo digital, onde as fronteiras entre grupos, culturas e espaços se tornam ainda mais flexíveis.

Essa dinâmica encontra eco em Zygmunt Bauman (2005), ao analisar a identidade na cultura contemporânea e digital. Para ele, vivemos em uma “modernidade líquida”, na qual as estruturas sociais e as referências estáveis se dissolvem, fazendo com que a construção da identidade se torne uma tarefa individual e contínua. No ambiente digital, essa característica se acentua, as pessoas podem experimentar, definir e ajustar suas formas de se apresentar e de se identificar com uma facilidade que não existe em outros espaços. Bauman ressalta que, nesse contexto, a identidade deixa de ser algo que se tem e passa a ser algo que se faz, se desfaz e se refaz a cada dia, e a linguagem é uma das principais ferramentas nesse movimento.

A análise da construção relativa à identidade nos espaços digitais ganha maior profundidade com as contribuições de John Gumperz (1982). Para o autor, a linguagem não se resume apenas a um meio de transmissão de dados e conteúdo, muito além disso, ela funciona como um instrumento fundamental por meio do qual os sujeitos sinalizam e constroem suas identidades. Gumperz explica que cada escolha linguística, por sua vez bem sutil, traz consigo marcas do pertencimento a grupos, de referências culturais e de posições assumidas no convívio social.

Essa compreensão dialoga com os princípios já consolidados por Saussure, Labov e Bagno, ao confirmar o caráter social inerente à língua, mas avança ao evidenciar de forma mais clara que a própria identidade se constitui e se renova

continuamente em cada ato comunicativo, inclusive nas interações que ocorrem no ambiente virtual.

Essa perspectiva encontra maior aprofundamento nas formulações de Erving Goffman (1959). Para o autor, a identidade não se configura como algo estático ou previamente definido, mas sim como uma construção essencialmente performática, que se efetiva em toda e qualquer relação social: em cada situação, os sujeitos agem no sentido de apresentar e ajustar sua imagem, levando em conta o contexto e os interlocutores com quem interagem. Conforme destaca Goffman, somos constantemente protagonistas de uma apresentação de nós mesmos, que se adapta às circunstâncias em que nos inserimos.

Ao compartilhar com Gumperz o entendimento de que a identidade se constitui justamente no desenrolar da interação, Goffman avança ao detalhar de que forma organizamos nossa presença e gerenciamos a forma como desejamos ser percebidos. Essa dinâmica, inclusive, adquire contornos ainda mais explícitos e planejados quando transposta para os ambientes digitais.

Por fim, Angela Reyes (2010) atualiza essas formulações para o contexto contemporâneo, ao mostrar que as escolhas linguísticas praticadas no ambiente online também envolvem dimensões como se apresenta nas redes sociais, marcadores raciais e vínculos de pertencimento grupal. Para a autora, os sujeitos lançam mão da linguagem com o intuito de reafirmar, questionar ou mesmo transformar a forma como são percebidos pelos outros e como constroem a própria percepção de si mesmos. Em suas palavras:

as práticas discursivas digitais não anulam as marcas identitárias historicamente constituídas; elas as contextualizam, ampliando tanto suas possibilidades de expressão quanto os riscos de estigmatização (REYES, 2010, p. 145).

Reyes mantém o princípio da identidade como construção interativa defendido por Gumperz e Goffman, mas avança ao evidenciar como esses processos ganham configurações inéditas, maior visibilidade e desafios específicos quando mediados pelas plataformas virtuais.

A perspectiva dos autores converge no entendimento de que a identidade no espaço digital não se configura como um dado estático ou definitivo, mas como um processo dinâmico, contínuo e profundamente mediado pela linguagem. A fluidez conceitual apontada por Hall (2006) e a liquidez das estruturas sociais descrita por Bauman (2005) encontram sustentação prática na dimensão interativa da língua: Gumperz (1982) demonstra como cada escolha discursiva sinaliza pertencimentos sociais; Goffman (1959) evidencia a natureza performática do gerenciamento da própria imagem; e Reyes (2010) demonstra como essas dinâmicas ganham novas roupagens e complexidades nas plataformas virtuais. Assim, para o conjunto desses teóricos, o ambiente digital atua como um espaço no qual os sujeitos negociam, performam e reconstróem ativamente quem são por meio de suas escolhas e práticas linguísticas.

Ao percorrer esses três eixos de análise e dialogar com as contribuições de cada autor, é possível notar que não se trata de visões isoladas ou antagônicas, mas sim de uma construção teórica contínua e complementar, os princípios fundantes da relação entre língua e sociedade estabelecidos por Saussure, Labov e Bagno são atualizados por Herring, Jaffe e Crystal quando se observam as modalidades comunicativas virtuais; em seguida, Gumperz, Goffman e Reyes aprofundam essa

compreensão ao demonstrar como essas mesmas escolhas linguísticas operam na constituição das identidades nesse novo contexto de interação.

Em síntese, o ambiente digital não representa uma ruptura com os fundamentos da sociolinguística, ao contrário, ele reafirma seus postulados basilares, ao mesmo tempo em que revela novas configurações da língua em movimento, da comunicação em processo de transformação e da identidade como construção permanentemente em curso. Como bem sintetiza Crystal (2006, p. 28), “a internet não inventou a variação linguística, apenas lhe deu um novo espaço e novas formas de se manifestar”.

Passar-se, na próxima seção, à análise de como essas dinâmicas se manifestam concretamente nas práticas investigadas nesta pesquisa.

3 METODOLOGIA

Esta pesquisa caracteriza-se como um estudo de abordagem qualitativa, com objetivos descritivos e interpretativos. Quanto aos procedimentos técnicos, trata-se de uma pesquisa bibliográfica que, segundo Gil (2008), é elaborada a partir de material já publicado, constituído principalmente por livros, artigos científicos, periódicos especializados e produções acadêmicas reconhecidas na área da Sociolinguística e dos estudos de linguagem e identidade. O levantamento bibliográfico foi realizado no Google Acadêmico, e nos sites de periódicos especializados nas áreas de Linguística, Sociolinguística e Comunicação.

Foram priorizados, na etapa de levantamento bibliográfico, estudos publicados entre 2024 e 2026, intervalo que contempla estudos recentes sobre as transformações da linguagem no contexto das mídias digitais contemporâneas e estudos posteriores à homologação da BNCC. Para a localização das publicações, foram empregados os seguintes descritores: Sociolinguística e identidade, práticas linguísticas digitais, linguagem e redes sociais, variação linguística na internet, construção de identidades no contexto digital, letramento digital e linguagem e interação mediada por computador. Os termos foram utilizados individualmente e de forma combinada, conforme as possibilidades de busca oferecidas por cada base consultada.

Como critérios de inclusão, foram selecionados artigos completos publicados em periódicos científicos que abordassem a relação entre Sociolinguística, linguagem e identidade na internet, manifestações de variação e mudança linguística no meio virtual, bem como práticas discursivas em plataformas digitais. Foram excluídos textos duplicados, trabalhos sem acesso integral, estudos dedicados exclusivamente à análise técnica/computacional de dados sem viés sociolinguístico, além de publicações que não apresentavam relação direta com os objetivos desta pesquisa.

Após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, o corpus analítico foi constituído por artigos científicos e documentos/registros selecionados. As obras de Saussure (2012), Labov (2008) e Bagno (2007) foram utilizadas para fundamentar os conceitos basilares de variação, mudança e identidade sociolinguística, enquanto as contribuições de Herring (2007), Jaffe (2009) e Crystal (2001) embasaram o entendimento das práticas virtuais. Paralelamente, os aportes de Hall (2006), Bauman (2005), Gumperz (1982), Goffman (1959) e Reyes (2010) serviram como apoio teórico para a interpretação dos processos performáticos e dinâmicos de construção identitária no meio digital. O material foi examinado por meio da análise de conteúdo, com categorização temática, conforme os procedimentos apresentados por Bardin (2016). Esse método possibilita organizar e interpretar os dados por meio

da identificação de unidades de sentido, recorrências, aproximações e diferenças existentes no material analisado.

O processo de análise foi desenvolvido em três etapas. Na primeira, correspondente à pré-análise, foram realizadas a leitura exploratória, a organização do corpus e a verificação da relação de cada publicação com os objetivos do estudo. Na segunda, referente à exploração do material, efetuou-se a leitura integral dos textos e o registro de informações relativas aos objetivos, aos contextos investigados, aos procedimentos metodológicos e aos principais resultados apresentados pelos autores. Na terceira etapa, destinada ao tratamento e à interpretação dos resultados, os achados foram comparados e agrupados conforme suas convergências, divergências e recorrências temáticas (BARDIN, 2016).

Dessa forma, a metodologia adotada possibilitou uma abordagem coerente com os objetivos da pesquisa, contribuindo para uma reflexão crítica sobre a relação entre linguagem, contexto social e construção identitária na era digital.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao longo desta pesquisa, buscou-se responder à seguinte questão central: de que forma as práticas linguísticas no contexto digital, sob a perspectiva da Sociolinguística, contribuem para a construção e a manifestação das identidades dos sujeitos? Portanto, o estudo articulou-se em três eixos fundamentais: Sociolinguística e Variação Linguística, Práticas Linguísticas no Contexto Digital e Construção da Identidade nas Interações Digitais, integrando as contribuições teóricas da área com as dinâmicas da comunicação contemporânea.

Os resultados obtidos demonstraram, de forma clara, que não há uma ruptura entre os postulados da Sociolinguística e a realidade das interações virtuais. Conforme evidenciado ao longo do trabalho, Saussure (2006) ensina que a língua é um fato social; Labov (2008) avança ao demonstrar que a variação é inerente à natureza da língua; e Hymes (1972) complementa essa visão ao afirmar que a competência comunicativa exige a adequação do uso linguístico ao contexto e aos interlocutores. Percebe-se que esses fundamentos não ficaram ultrapassados diante das novas tecnologias; ao contrário, revelam-se ainda mais atuais para explicar as práticas discursivas cotidianas.

No âmbito do contexto digital, observa-se a continuidade dessa mesma lógica. Herring (2007) assegura que a comunicação mediada por computador é estruturada e obedece a regras; isso se confirma ao notar que, mesmo com o uso de abreviações, recursos multimodais e estilos próprios, os falantes mantêm a coerência e a adequação ao grupo social em que se inserem. Jaffe (2009) complementa ao ressaltar que cada escolha linguística se reveste de intenção e estratégia social, aspecto visível no modo como ajustamos o registro linguístico conforme o aplicativo, a temática ou o interlocutor. Da mesma forma, Crystal (2005) reforça que a tecnologia não degrada a língua, mas abre novos caminhos expressivos, ampliando suas possibilidades de manifestação.

No que se refere à dimensão identitária, compreende-se que as práticas virtuais ultrapassam a mera troca de informações: elas funcionam como o próprio meio de constituição do sujeito. À luz das contribuições de Hall (2006) e Bauman (2005), a identidade contemporânea caracteriza-se por sua fluidez e liquidez, encontrando na linguagem a sua principal ferramenta de mediação. Sob a ótica de Gumperz (1982), cada escolha léxica, tom ou estilo sinaliza pertencimentos e posições sociais. Goffman (1959) amplia essa leitura ao demonstrar a natureza

performática da identidade, na qual o sujeito gerencia sua apresentação em cada interação, processo que, no ambiente virtual, ganha contornos ainda mais explícitos e planejados. Por fim, Reyes (2010) aponta que essas escolhas envolvem marcadores culturais, raciais e territoriais, revelando como os falantes imprimem suas origens e marcas de pertencimento mesmo nas trocas mediadas por telas.

A principal contribuição deste estudo reside em demonstrar que esses processos não estão restritos aos espaços acadêmicos ou a grupos específicos. Na realidade cotidiana, os sujeitos aplicam tais princípios sociolinguísticos de forma intuitiva e contínua. A internet não anula a dimensão social da língua, mas a reconfigura em novos suportes. Isso reafirma que a Sociolinguística oferece ferramentas essenciais para compreender as formas cotidianas de convivência, interação e reconhecimento mútuo.

Os achados confirmam a hipótese inicial: as práticas linguísticas digitais não rompem com os fundamentos da Sociolinguística, mas os atualizam, desempenhando papel central na construção e manifestação das identidades. Ao comparar esses resultados com a literatura da área, nota-se grande convergência, alterando-se apenas os suportes de interação, e não a natureza social e variável da língua.

Na teoria, o trabalho reforça a atualidade dos referenciais clássicos e contemporâneos para a análise do ecossistema digital. Em âmbito prático, os resultados apontam para a necessidade de ressignificar o ensino de Língua Portuguesa: em vez de estigmatizar os usos digitais como “erros” ou “desvios”, cumpre reconhecê-los como manifestações legítimas da variação linguística, promovendo reflexões sobre identidade, pertencimento e respeito às diversidades de expressão.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo partiu da seguinte questão de pesquisa: de que forma as práticas linguísticas no contexto digital, sob a perspectiva da Sociolinguística, contribuem para a construção e a manifestação das identidades dos sujeitos? com o objetivo de analisar de forma reflexiva como os usos da língua em ambientes virtuais revelam e constroem a identidade dos sujeitos.

A análise realizada permitiu concluir que as práticas linguísticas digitais não rompem com os fundamentos da Sociolinguística, mas os atualizam e reafirmam, sendo fundamentais para a construção e a manifestação das identidades, oferecendo contribuições relevantes de ordem teórica, como a confirmação de que os referenciais clássicos permanecem atuais para compreender a comunicação contemporânea, metodológica, como a demonstração de que a pesquisa bibliográfica é capaz de responder com clareza às questões propostas, e prática, como a indicação de que os usos digitais devem ser reconhecidos como variação linguística legítima e valorizados no ensino.

Apesar dos avanços alcançados, este estudo apresenta limitações relacionadas a se tratar de uma pesquisa bibliográfica, sem análise direta de interações reais em plataformas virtuais, o que pode ter influenciado a impossibilidade de abranger todas as experiências, realidades e as novas formas de expressão que surgem com rapidez no mundo digital.

Pesquisas futuras podem aprofundar a compreensão sobre a relação entre linguagem e identidade nos espaços virtuais, explorando a análise de interações

reais em diferentes plataformas e aplicativos ou ampliando o escopo para práticas de grupos, regiões e faixas etárias distintas.

Reconhecemos também os limites desta pesquisa, por se tratar de um estudo bibliográfico, não abrange todas as experiências e realidades presentes nos espaços virtuais, nem investiga práticas de grupos específicos de forma mais direta. Além disso, como o mundo digital se transforma em ritmo muito acelerado, certamente surgirão novas formas de expressão que não puderam ser contempladas aqui. Tais limitações não invalidam o que foi apresentado, mas mostram que este é um olhar sobre um momento específico, que pode e deve ser aprofundado.

Para trabalhos futuros, sugerimos a realização de pesquisas que cruzem esses referenciais com a análise de interações reais em diferentes plataformas, investigações que comparem práticas de diferentes grupos, regiões ou faixas etárias, e estudos que debatam como essas compreensões podem ser levadas para a sala de aula, de forma a promover uma educação linguística mais crítica, inclusiva e alinhada à realidade dos estudantes.

Ao final deste estudo, chegamos à conclusão de que a essência da linguagem permanece a mesma, ela é feita de pessoas, para pessoas, e é por meio dela que nos relacionamos, nos reconhecemos e construímos nossa identidade, seja numa conversa presencial, seja numa mensagem ou numa publicação. Como resume Crystal (2006, p. 28): “A internet não inventou a variação linguística, apenas lhe deu um novo espaço e novas formas de se manifestar”. E foi exatamente o que buscamos mostrar aqui, a língua é viva, ela se adapta, se transforma e segue sendo o principal meio pelo qual nos fazemos presentes no mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. 49. ed. São Paulo: Loyola, 2007.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 5. ed. São Paulo: Hucitec, 1981.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BRASÃO, Heber Junio Pereira; CUNHA, Fabiane Maria Soares da; VAZ, Liliane Rodrigues; SOUTO, Liliane Rodrigues de Oliveira; GOMES, Douvânio de Oliveira. Sociolinguística e comunicação digital: o fenômeno do “internetês” no WhatsApp entre adolescentes. *Cadernos da FUCAMP*, v. 50, p. 170-189, 2026.

CRYSTAL, David. *A linguagem e a Internet*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1975.

GUMPERZ, John J. *Discourse strategies*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HERRING, Susan C. A comunicação mediada por computador: aproximações sociolinguísticas. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos (org.). *Hipertexto e tecnologias na educação: novas formas de ensinar e aprender*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2007. p. 11-30.

HYMES, Dell. On communicative competence. In: PRIDE, J. B.; HOLMES, J. (ed.). *Sociolinguistics*. Harmondsworth: Penguin, 1972. p. 269-293.

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MEIRA DE OLIVEIRA COTINGUIBA, Vivian; OLIVEIRA, Kauanne. Preconceito linguístico na mídia contemporânea: influenciadores digitais e as “aulas de língua portuguesa” como engajamento nas redes. *Missangas: Estudos em Literatura e Linguística*, v. 6, n. 14, p. 153-165, 2026. DOI: 10.53500/missangas.v6i14.26469.

NERI, Zacarias Oliveira; SOUZA, Gizele Cristiane de; COSTA, Catarina de Sena Sirqueira Mendes da. Redes sociais e Sociolinguística: uma revisão sistemática de literatura para a relevância dos conhecimentos sobre variação. *Revista Leitura*, v. 1, n. 87, p. 7-30, 2026. DOI: 10.28998/2317-9945.202687.7-30.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.